

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

José Maria Leôncio de Sousa

A ESTÉTICA NEGRA NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Belo Horizonte

2012

José Maria Leôncio de Sousa

A ESTÉTICA NEGRA NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título do Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Eustáquio de Brito

Belo Horizonte

2012

José Maria Leôncio de Sousa

A ESTÉTICA NEGRA NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título do Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Eustáquio de Brito

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

José Eustáquio de Brito - Faculdade de Educação da UEMG

Nome Convidado - Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Esse trabalho baseia-se em estudos e pesquisas visando uma maior preparação do professor para o combate ao racismo e ao preconceito, em cumprimento ao disposto na Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do estudo da História da África e Cultura Afro-brasileira em escolas da educação básica. Parte da convicção de que uma maior consciência de que a realidade do racismo nas nossas escolas, que dificulta a socialização dos alunos afro-brasileiros, pode mudar. Sabemos que, como educadores, somos responsáveis pela formação dos nossos cidadãos, e faz parte dessa formação a competência de mostrar aos educandos, antes de tudo, o seu valor e fornecer-lhes todos os instrumentos para que possam, reconhecendo-se como sujeitos e não objeto da sua história, apreciar e cantar as belezas de sua descendência, de sua terra e de sua raça livres de todo e qualquer estigma. O plano de trabalho aqui sistematizado abarca a dimensão da estética e beleza negra como forma de apresentar a riqueza da diversidade que compõe a formação sócio-cultural brasileira.

Palavras-chave: Beleza negra, estética, identidade racial

"Realmente, é verdade o que vem de ser dito, pois todos nós comemos feijoada, dançamos e cantamos samba e alguns frequentamos academia de capoeira"

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 História da Instituição.....	7
1.2 Ideia de um povo	8
2. ESTUDOS SOBRE O TEMA:	11
2.1 Ação do Professor	11
2.2 Modelo de relações raciais brasileiro.....	14
2.3 Educação, Sociedade e Cultura	16
2.4 Papel do educador no interior das ações coletivas.....	17
3. O AFRO-BRASILEIRO COMO HERDEIRO DE UMA CULTURA.....	20
3.1 História dos ancestrais africanos.....	21
3.2 A religião africana	22
3.3 A estética na África	23
3.4 A escravidão	24
3.5. A Religião afro-brasileira.....	28
3.5.1 O Candomblé	29
4. O PLANO DE AÇÃO	31
4.1 Justificativa	35
5. OBJETIVOS	36
5.1 Objetivo geral	36
5.2 Objetivos Específicos	36
6 CONCLUSÃO	37
7. BIBLIOGRAFIA	39
ANEXOS.....	xx

1. INTRODUÇÃO

1.1 História da Instituição



A Escola Municipal Presidente Tancredo Neves (EMPTN), situa-se no bairro Céu Azul, região de Venda Nova, periferia de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. A comunidade dessa região é bastante carente. Um levantamento feito pela secretaria da escola, em maio de 2011, apurou que cerca de 1300 jovens matriculados participavam do Programa de Bolsa Família. Essa comunidade convive com índices altos de violência, desemprego e tráfico de drogas, e o índice de escolaridade do povo da região é baixo.

A relação existente entre a escola e a comunidade já foi melhor, mas ainda conta com um bom índice de satisfação, embora não possamos contar com sua participação ativa na vida escolar, e, a cada dia, a distância entre as famílias e a escola vai se tornando maior. Normalmente os responsáveis só comparecem na escola quando há algum problema de indisciplina que envolve seu filho e os professores, e eles são convocados pela coordenação.

A EMPTN atende a aproximadamente 1400 jovens na faixa etária de 11 a 25 anos em três turnos; matutino, vespertino e noturno. Os jovens estão matriculados no terceiro ciclo e ensino médio, mas há um constante risco de fechamento do ensino médio, porém a falta de vagas nas escolas estaduais da região de Venda Nova impede que isso aconteça.

O corpo docente da escola conta com 56 professores e a maioria trabalha em jornada dupla e há alguns em jornada tripla contando com a rede estadual e particular. A escola é dividida em grupos de seis professores e um coordenador para cada grupo de oito turmas. A relação entre estes profissionais do ensino é normalmente respeitosa, embora haja alguns conflitos pontuais. A relação com a direção é, também, de respeito e o contato é extremamente o necessário, quando há planejamento de eventos ou reunião extraordinária.

O plano curricular apresenta todas as disciplinas com a mesma carga horária. Durante o ano acontecem apenas três reuniões que são destinadas ao conselho de classe, somente estas são as oportunidades de discutir sobre os jovens, pois direção, professores, coordenadores não se reúnem pedagogicamente.

A escola não apresenta um espaço com extensão satisfatória ao lazer dos jovens, como praças ou áreas livres, o que implica no agravamento da situação, diante de uma sociedade complexa. Já houve tentativa de parceria com locais privados em busca de atendimento aos meninos da escola integrada, porém, em vão. Isso gerou, obviamente, a continuidade das atividades no mesmo lugar, causando conflito entre os professores, principalmente de Oficina e Educação física, que não tem meios de impedir que parte de seus alunos se façam presentes em outras aulas nestes horários, tumultuando-as.

1.2 Ideia de um povo

Faz-se uma pergunta: "**Qual o seu nome, Negro?**" e não se lembra de perguntar: "**Qual é a sua identidade, Brasileiro?**". A primeira pergunta é depreciativa, oriunda de uma época e de um povo que desconhecia o fato de que simplesmente pigmentos sob a ação do astro rei demarcavam a cor "branca" ou "negra", ou

"amarela" da pele, ou ainda qualquer outra cor existente e, desprovido de conhecimento científico, resolveu estabelecer como modelo de inteligência, capacidade de domínio e força, os portadores desse tipo de pigmento que demarca a cor "branca" no ser humano, mesmo porque se sentia privilegiado por Deus e ainda endossado pela Igreja, força da época.

Convencionou-se que o belo deveria estar o mais próximo possível dos moldes clássicos, que eram o grego e o romano. Essa ideia se arraigou de certa forma nos "brancos" que o diferente deixou de ser mais um e passou a ser o oposto. É o homem, novamente no seu pecado original que, através dos seus conceitos, quer ser igual, ou até maior que Deus, passa a depreciar uma arte superior, perfeição de Deus diante da natureza, em favor dos seus conceitos e sua visão limitada sobre a criação; em favor de sua ambição e sede de poder.

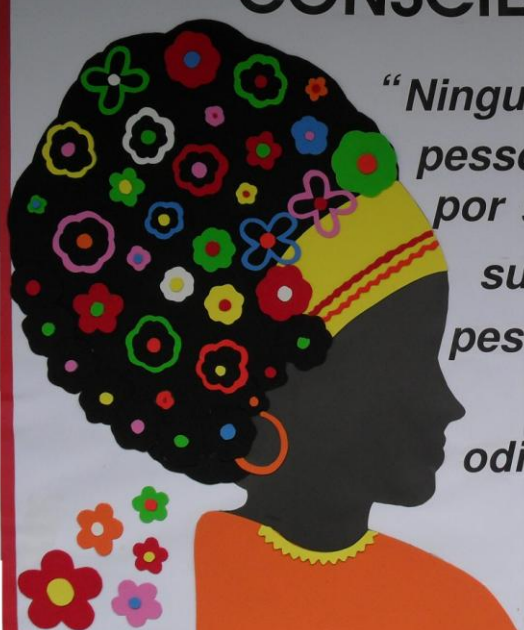
A segunda pergunta vem mostrar, de certa forma, que a barbárie de que eram possuídos os grandes senhores de terras e a nobreza, que aqui residiam e que viviam sob o lema: "do lado de baixo da linha do Equador não existe pecado", seria responsável pela formação de um novo povo, que vem da grande miscigenação entre diversas raças que, com certeza, os negros contribuíram e muito na sua formação física, biológica, cultural e religiosa.

A idéia de raça superior está, de certa forma, arraigada nas pessoas que, mesmo conscientes de sua descendência africana, mesmo com uma posição humanizada da Igreja, mesmo com estudos e debates, leis contra o racismo, ainda é forte o receio de se admitir negro ou descendente do negro, ou igual ao negro. Isso quer dizer que o povo ainda insiste em ver na cor, no tipo do cabelo e nas feições uma forma de selecionar as pessoas em boas ou ruins, dignas ou indignas, ainda insiste em estigmatizar aquele que não é "branco", quando deveria buscar, através da história, a riqueza e o valor praticamente desconhecidos desses nossos antepassados; buscar o equilíbrio e o conhecimento para combater essa ideia que nos foi impingida por povos que ainda insistem em se colocar no apogeu da dominação.

Essa luta deve estar nas mãos do professor consciente, estudiosos e dedicados, sabedor de que o valor de um povo não está na raça a que pertence; de que o belo é uma concepção puramente subjetiva; que a arte não é feia nem bonita, mas simplesmente arte; que nada que parte do perfeito pode ser imperfeito., e que todo homem é produto de sua história pessoal e social.

20 DE NOVEMBRO

CONSCIÊNCIA NEGRA



“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

(Nelson Mandela)

2. ESTUDOS SOBRE O TEMA:

2.1 Ação do Professor

O texto da professora Marli André, "Pesquisa, formação e prática docente, mostra a diferença e ao mesmo tempo a proximidade entre pesquisa e a vivência do professor em sala de aula. É importante destacar o papel dele como um pesquisador, investigador. O espírito de investigação, a busca do conhecimento, a necessidade do crescimento, como realização pessoal, é que fazem desse profissional um investigador. Não se trata de uma pesquisa no modelo acadêmico, com todo o rigor das normas, mas uma pesquisa voltada para a melhoria de suas práticas didáticas.

Dentro desta linha de pensamento, queria me reportar a uma outra passagem do texto quando a autora faz a seguinte pergunta: "O que se espera de um professor da escola básica?" e ela responde: "que eles assumam de forma competente e responsável a sua tarefa de ensinar, a fim de que a grande maioria de seus alunos desenvolva uma atividade intelectual significativa, apropriando-se de conhecimentos fundamentais para um inserção comprometida e ativa na sociedade." Ora, em um mundo que vive em constante mudanças e mudanças muito rápidas, se não houver, por parte dos professores, essa busca do conhecimento e da atualização, provavelmente encontrará muitas barreiras, muitas dificuldades.

Há uma necessidade constante de que o professor, no seu dia a dia em sala de aula, busque esse conhecimento. Pesquisar no sentido de atualizar-se, de buscar o saber é extremamente importante para ele. Se não houver essa preocupação por parte dele, a resposta da professora Marli André fica sem sentido por completo.

O plano de ação que procuramos desenvolver como requisito do curso de especialização expressa essa intenção, pois apresenta-se como reflexão e ação, de forma articulada. As duas dimensões andam juntas, uma é complemento necessário da outra. A busca do conhecimento é importante, é indispensável ao professor para que ele desenvolva bem a sua profissão, e o prazer de ensinar torna-a menos penosa e muito mais prazerosa.

A busca do conhecimento caminha junto à prática pedagógica; o saber acadêmico, junto ao saber prático, a investigação caminha lado a lado com o cotidiano em sala de aula, e o conhecimento prático se junta ao conhecimento teórico.

Um caso muito interessante foi apresentado pela Professora e Mestre em Educação, Cláudia Marques, da cidade de Pedro Leopoldo, que pesquisou sobre o congado. Ao detectar a deficiência das manifestações populares em sua sala de aula e até na cidade, vai atrás a fim de resolver a questão. Mas para tanto, precisava de embasamento teórico, onde articula a teoria e a prática na busca do saber. O importante e que deixou marcado em minha memória no encontro que tivemos com ela, foi quando diz que aprendeu muito com sua pesquisa. Na realidade foi uma relação compartilhada, pois tenho certeza de que eles também aprenderam muito com ela. Creio que é assim que se dá o conhecimento, sobretudo compartilhando o saber.

A pergunta é instigante como instigante é o próprio texto da Professora Marli André. É de extrema importância que o professor torne-se também um pesquisador. Não estou me referindo à pesquisa acadêmica com todo o seu rigor teórico nem da metodologia que lhe é própria, mas a pesquisa voltada para o conhecimento diário, voltada para a tentativa de resolver as questões que aparecem em sala de aula. É muito difícil o professor ficar sem procurar uma atualização, um novo conhecimento, uma nova formação. Isso não exclui uma pesquisa acadêmica de produção do conhecimento, uma nova formação; no entanto, sei das dificuldades dos professores dos níveis fundamental e médio em desenvolver tal tipo de atividade, mesmo porque esses profissionais, muitas vezes, necessitam trabalhar em mais de um turno dentro de sala de aula, o que torna praticamente impossível a dedicação desse profissional à pesquisa acadêmica.

A importância da pesquisa para o professor está na possibilidade que lhe dá de uma contínua formação e atualização profissional. Tal conhecimento não fica somente com ele, é transmitido aos seus alunos em forma de conhecimento teórico, ou em forma de conhecimento prático. O professor, quando se dedica à pesquisa, quando procura se atualizar, quando procura participar de cursos e seminários, adquire uma

postura, um comportamento diferenciado em sala de aula ao resolver as questões que lhe são apresentadas no dia a dia.

O que é realmente interessante no professor pesquisador é juntar a teoria pesquisada e a prática do seu dia a dia à sua formação docente. Não dá para separar a formação acadêmica da prática vivida em sala de aula. Portanto, é vital para ele estar sempre na busca de um novo conhecimento.

Outro aspecto realmente muito interessante para a compreensão desse profissional pesquisador, de certa maneira a autora explica em forma de um pequeno esquema: a pesquisa leva ao conhecimento, ao saber. Esse conhecimento ou saber junto com a experiência, a vivência do dia a dia, deve levá-lo a uma reflexão crítica; deve levá-lo a uma melhoria de sua prática em sala de aula.

Por fim queria colocar um ponto de vista muito interessante, defendido pela autora: o professor pesquisador é visto por dois aspectos, sendo primeiro aquele que tem um maior destaque na sociedade, em relação ao professor do ensino fundamental ou médio. Realmente eu concordo com esse ponto de vista, pois a sociedade o vê assim, no entanto, não é bom depreciar aquele que se encontra em sala de aula no seu dia a dia, lutando não somente por si, mas acima de tudo pelos seus alunos. Enquanto tivermos essa diferenciação de níveis sociais para a mesma profissão, continuaremos a ter professores insatisfeitos; o segundo é o risco que se corre ao pensar que o professor pesquisador vem para solucionar todos os problemas da educação e, como isso não acontece, ele é sempre o culpado.

Tudo gira em torno de um único objetivo para o professor do ensino básico, o de que ele seja capaz de desenvolver as suas diversas atividades com eficiência e competência. A partir dessa referência, procurou-se nesse trabalho mostrar a importância do professor pesquisar sobre relações étnico-raciais como forma de melhorar a sua prática profissional. Sabe-se que segundo a Lei 10.639/03 é necessário que o professor também se coloque em movimento para construir saberes aos quais não teve acesso em sua formação acadêmica. Por isso a pesquisa sobre o tema torna-se importante para o desenvolvimento de práticas

pedagógicas, críticas capazes de influenciar na construção de identidade positiva dos estudantes negros.

2.2 Modelo de relações raciais brasileiro

Segundo Marcelo Paixão, o modelo de relações raciais brasileiro consagra e eterniza as disparidades entre brancos, negros e indígenas em nosso país. Nossa sociedade não reconhece a existência do racismo no Brasil, pois ainda vigora o mito da democracia racial.

O preconceito e a discriminação dos negros estão ligados a uma modalidade como de marca, em que a questão de origem racial do indivíduo seria pouco relevante. No caso, as formas de preconceito se reportariam à intensidade dos fenótipos de cada pessoa, nela incluídas a tonalidade da cor da pele, o tipo de cabelo e o formato das partes da face; nariz, boca etc.. O mestiço também é discriminado, na medida em que suas características físicas se aproximam do tipo negroide. De acordo com o autor, o modelo de estratificação social brasileiro, justificado pelo mito da democracia racial, não conferiu aos afro-mestiços uma posição social nitidamente melhor do que os demais contingentes da população negra.

O fato de não reconhecermos o racismo no Brasil faz com que o preconceito e a discriminação do negro ocorram no nosso cotidiano sem que ninguém queira enxergar. Eles acontecem e não reconhecemos, mas há manifestações nos meios de comunicação, na escola, no trabalho, nos diversos espaços sociais, na família e até mesmo no campo institucional. O racismo gera atitudes bem mais drásticas com as mulheres, pois elas passam a ser vistas como objeto de prazer sexual, sofrem mais violências domésticas e são sempre mais exploradas no trabalho do que as mulheres brancas, além de terem uma remuneração inferior.

Os indicadores sociais e as pesquisas sobre a temática corroboram as ideias do autor. Pois a população negra é a que tem menor acesso à educação, ao atendimento de saúde de qualidade, e a que mais sofre com o desemprego, a violência urbana, sendo mais vulnerável à cooptação do crime organizado (narcotráfico).

O Sistema educacional não consegue se apresentar de maneira atraente para os afro-brasileiros, pois há também preconceito e discriminação no sistema educacional. O negro brasileiro já chega à escola em uma situação de desigualdade em relação ao branco por suas próprias condições sociais, tais como: moradia, assistência médica, condições financeiras etc.. A essa situação soma-se o fato das escolas públicas apresentarem diversos problemas que afetam a qualidade do ensino oferecido aos estudantes, principalmente do Ensino Fundamental e médio.

Outra situação relatada no texto de Marcelo Paixão, que afeta os jovens negros nos dias atuais, é o crescimento do narcotráfico e da violência urbana. Sendo a violência entre os jovens negros ainda maior, por estarem, sócio-economicamente, mais vulneráveis aos ganhos com o mundo do crime organizado.

Os dados do Atlas do Desenvolvimento Humano, editado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, baseado nos indicadores do Censo 2000 revelam que a média de anos de estudos dos negros (4,66) é inferior a dos brancos (6,76). Dentre os 15,3 milhões de analfabetos no mesmo ano, 9,7 eram formados por negros. Outros indicadores sociais mostram a grande desigualdade no processo de escolarização dos negros. Dados apontaram que a expansão da rede de Ensino Fundamental apresenta efeitos proporcionalmente mais favoráveis aos negros que aos brancos. O que não ocorreu no Ensino Médio.

Uma grande dificuldade apresentada pelos negros na escola diz respeito ao desempenho escolar, pois mostram um aproveitamento inferior ao dos brancos. Além de serem vítimas de um sistema educacional discriminatório e pouco atraente para os afro-descendentes, a escola não valoriza a cultura negra nem reconhece as dificuldades destes alunos como: a entrada precoce no mercado de trabalho; a baixa qualidade do ensino público; o conteúdo programático voltado para a cultura branca e reforçada pelo livro didático e pela mídia, a presença do racismo e do preconceito em sala de aula e no ambiente escolar que diminuem a auto-estima; a falta de bons exemplos no mercado de trabalho que possam sinalizar melhores perspectivas de retorno financeiro para aqueles que investem nos estudos.

Como sentir orgulho de ser negro se a história que conta a luta de um povo, a resistência, as estratégias e conhecimentos foram omitidos durante anos? Como sentir orgulho de ser negro se a escola se cala diante dos conflitos raciais que se desencadeiam dentro do ambiente escolar?

Mesmo os gráficos mostrando um avanço consideravelmente positivo do acesso do negro à rede de ensino, a defasagem no aprendizado ainda é grande. A realidade desses alunos não somente no ambiente escolar, mas também nas precárias condições sócio-econômicas e na falta de perspectivas no campo profissional, na maioria das vezes pautada no racismo institucional, dificultam ainda mais a possibilidade de ascensão destes indivíduos na sociedade.

2.3 Educação, Sociedade e Cultura

O texto “Antropologia, modernidade, Identidade”, de Sylvia Garcia, preocupa-se, principalmente, em definir modernidade e pós-modernidade, concepções importantes para se entender o contexto histórico e situar as questões étnico-raciais da atualidade. Ele não trata diretamente da questão racial, mas da proposta de igualdade e desigualdade social, cultural, sexual. No entanto, quando aborda estas questões, nos leva indiretamente a também pensarmos as questões raciais.

O texto, “Da supremacia branca à democracia racial”, de Edward Telles, trata, essencialmente da questão do branqueamento e da democracia racial. Como diz o autor na página 41: "este capítulo apresenta a evolução do pensamento brasileiro sobre raça, com enfoque nos períodos de supremacia branca do século XIX e ênfase no branqueamento, seguido da democracia racial dos anos 30 aos 80."

Seguindo esta linha de raciocínio, o autor mostra, através dos diversos pensadores, a evolução do pensamento brasileiro sobre o tema. O primeiro pensador estudado no texto foi o Conde Arthur de Gobineau, que esteve no Rio de Janeiro entre 1869-70. Gobineau segue a linha da superioridade branca sobre a miscigenação, a tão falada eugenia, que considerava os brancos como superiores, os negros como

inferiores e os mulatos como degenerados. Para Gobineau, todos os brasileiros eram miscigenados, só escapando o imperador e a família real. Para diversos pensadores que seguiram tal linha de pensamento "O Brasil tipificava os perigos da miscigenação, ao produzir uma gente degenerada que condenaria o novo país ao subdesenvolvimento perpétuo."

Raimundo Nina Rodrigues, baiano, professor da Escola de Medicina da Bahia, teve o seu campo de estudo enveredado pelo ramo da eugenia, quando: "previu que o futuro do Brasil, especialmente do norte do país, seria etnicamente negro ou mestiço. "Nina Rodrigues foi o primeiro brasileiro a conduzir um estudo etnográfico da origem africana da população. No estudo, declarou que os africanos eram inequivocamente inferiores."

A partir da ideia da superioridade da raça branca em detrimento das demais raças consideradas inferiores, surge a questão do branqueamento como solução. "os cadêmicos brasileiros propuseram a solução do 'branqueamento' através da mescla de brancos e não-brancos. A partir da taxa mais alta de fecundidade entre os brancos e da crença de que os genes eram dominantes, estes eugenistas concluíram que a mistura da raça eliminaria a população negra e conduziria gradualmente a uma população brasileira completamente branca." Entre os eugenistas brasileiros podemos citar: Edgar Roquete Pinto, o presidente da Primeira Conferência Eugênica Brasileira; Fernando de Magalhães, quando afirmou "somos todos mestiços e teríamos que excluir a nós mesmos: e Renato Kehi, que "defendia a esterilização dos degenerados e criminosos."

2.4 Papel do educador no interior das ações coletivas

Educação, Ações Coletivas e Direitos Humanos, é um assunto que faz parte dos pensamentos de Paulo Freire podendo ser perfeitamente estudado em busca do conhecimento. Estamos vivendo um tempo de profundas mudanças, não só na educação, mas também na sociedade de um modo em geral. Tudo o que puder somar para amenizar a atual situação é bem vindo. Não é importante encontrar

respostas prontas e acabadas, mas luzes que possam nos orientar no dia a dia de nossa profissão em sala de aula.

Outro aspecto importante de Paulo Freire é a questão de "Educar como ato de amor". Não um amor que para na sala de aula e não leva em conta a vida do professor e do educando, mas um amor que vai além das questões sociais, e individuais, que transcende para o mais alto campo, que é o bem estar individual e o bem estar do outro, pois acredito que só com esse amor é que se educa e se é educado.

A educação para Paulo Freire não é uma só via, do professor ao aluno, mas a partir do aluno é que o professor deverá reger as suas ações. A ação de educar é além de tudo uma ação coletiva, para se chegar ao sujeito individual. O que na verdade me chamou a atenção em Paulo Freire foi a "Pedagogia do Amor". Longe das polêmicas em relação a sobrevivência do professor, e também do velho refrão da educação como um sacerdócio, "a educação tem que ser essencialmente um ato de amor". Não se pode educar com raiva, com desprezo pelo outro seja pela sua condição social, local onde vive, pela forma de falar ou pelo modo como convive com os outros ou em sociedade. Só fazendo aquilo de que você gosta e, como consequência, sentindo prazer em fazê-lo é que você educa.

O verdadeiro sentido de educar leva-nos, em primeiro lugar, a buscar no outro aquilo que ele nos traz. Buscar no educando todo o seu conhecimento de vida, sua vivência, sua forma de ver as coisas que, muitas vezes, são diferentes da maneira do educador. Daí a educação ser uma ação coletiva, reflexiva e jamais individualista e pessoal. A valorização da cultura do aluno é a chave para o processo de conscientização, proposta por Paulo Freire. Não tem sentido, segundo o autor, uma educação abstrata, desenraizada da realidade social do educando. Só podemos falar em educação verdadeira e autêntica se buscarmos articular "ação-reflexão-nova ação social". Portanto, para Paulo Freire, é a busca da realidade social do educando e a ação reflexiva do educador que leva à verdadeira educação.

E o que seria "ação reflexiva do educador"? O educador tem que estar, em todo momento, revendo as suas ações em sala de aula: o que pode dar certo para um,

pode não dar certo para outro. A busca de novas estratégias de ação, novas maneiras de ensinar, novas formas de mostrar a realidade tem que ser uma constante na vida do educador. Baseado nestes pontos é que se tem uma educação de cunho social e coletivo. O professor não pode se colocar como o "dono da verdade" ou no ápice do saber, engendrando uma educação de cima para baixo. A busca do outro, a busca de entender o outro e a alegria de ensinar e aprender com o outro ao mesmo tempo é que leva a uma verdadeira educação.

A utopia, para Paulo Freire, não consiste num retorno a um passado ideal, ou na divisão entre um estado de perfeição e uma condição presente na qual estamos fatalmente presos. Ele traduz essa tensão inerente à utopia neste parágrafo que, pela expressividade, transcrevo na íntegra:

*Utópico para mim não é o irreversível, não é o idealismo. Utopia é a dialética nos atos de denunciar e anunciar. O ato de denunciar a estrutura desumanizante, e o ato de anunciar a estrutura humanizadora. Por essa razão é também compromisso histórico. A utopia exige conhecer criticamente. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não a conheço. Mas entre o anúncio e a realização do anúncio há algo que deve ser enfatizado e que é que o anúncio não é o anúncio de um projeto, mas é ao anúncio de um anteprojetado. Porque o anteprojetado se faz projeto na práxis histórica. Assim sendo, entre o anteprojetado e o momento da realização ou concretização do projeto há um momento em que se chama histórico. É exatamente a história que nós temos que criar com nossas mãos e temos que fazer. É o tempo das transformações que temos que realizar. É o tempo do meu compromisso histórico. Por essa razão somente os utópicos — e enquanto utópicos revolucionários — (quem foi Marx senão um utópico, quem foi Guevara senão um utópico) podem ser proféticos e podem ser esperançosos! (FREIRE, Paulo in **STRECK**, Danilo R.. História da Pedagogia. **Revista Educação**. Seguimento. SP. V. 4. p.36.).*

O inédito viável irrompe no tempo cronológico e se faz história. Esse tempo histórico por um lado implica condicionamento e por outro, possibilidade. A pedagogia de Paulo Freire, portanto, coloca-se contra os discursos fatalistas que proclamam o fim da história ou o fim das utopias. Uma das suas contribuições para a educação contemporânea é ajudar a conhecer a prática educativa como a "prática libertadora", no sentido de emancipação individual e coletiva. Não é por acaso que vemos a pedagogia freireana presente em alguns dos grandes debates que se travam hoje em dia.

3. O AFRO-BRASILEIRO COMO HERDEIRO DE UMA CULTURA

Essa raça tem muito valor e, na sua origem, dependiam pouco ou nada do mundo conhecido como "civilizado". Tinham as suas terras, seu trabalho, seus conceitos de vida, as suas leis, crenças, os seus deuses, a sua estrutura familiar, seus métodos de conquista. Se os ocidentais, mais exatamente os portugueses, quando em busca de riqueza e domínio, tivessem se preocupado com uma troca de valores culturais, ou, ainda, não se preocupassem com o domínio às pessoas, possivelmente a África seria hoje um continente tão forte quanto seu povo, que, segundo a história, na África ou no Brasil, nunca fugiu a luta.

Nossos antepassados africanos foram vítimas de um desconhecimento biológico, social, e religioso de um povo que os reduziu a uma condição de não pensantes. Arraigado ao preconceito e ao racismo pelo fato de estar diante do diferente, distante do opulento, resolve que eles não devem ter as mesmas considerações, nem os mesmos direitos dos iguais. Esse povo decide estigmatizar toda uma raça como inferior, como obrigatoriamente submissa a outra. Não se preocupava em conhecer esse diferente, cujos valores poderiam ser somados ao "igual", fazendo-os maiores e melhores.

Os povos africanos, na sua terra, tinham o seu sonho: ser forte através de sua prole, sobreviver através do cultivo de sua terra, buscar seus feiticeiros, cultuar seus deuses, enfim, saber quem era e o que fazia; longe de sua terra passou a sonhar em ser livre, ser gente, reaver sua identidade. O povo afro-brasileiro viu a "abolição", mas libertação ainda não chegou, pois continua sendo visto como diferente, desvalorizado apenas pela aparência, privado do direito à tudo, dependente de leis que o favoreçam.

É bem verdade que houve evolução nesta área, graças a vários movimentos como debates entre estudiosos do assunto, políticos que fazem as leis protetoras e até mesmo o reconhecimento e luta da igreja, mas ainda é pouco. Por lei, não pode haver preconceito, mas há quem o tenha e demonstra, e, quando não o faz, evita contato, brinca depreciando etc. Os "brancos" foram condicionados a esse

sentimento, portanto apenas uma educação que combata por meio do conhecimento, da consciência, da razão poderá destruí-lo. O único capaz de veicular tudo isso é o professor estudioso, pesquisador, consciente, competente e que ama aquilo que faz.

3.1 História dos ancestrais africanos

A história dos nossos ancestrais africanos apresenta todos os requisitos necessários para nos deixar orgulhosos de fazermos parte desse povo e crer que a inferioridade a eles impingida, não passa de uma inexplicável necessidade de subjugar alguém, talvez pelo simples fato de serem diferentes. Na sua história, podemos ver bravura e luta quando tiveram que, para sobrevivência, opor-se a um solo árido, um clima hostil, além do aumento do deserto do Saara, pelos desmatamentos que levou alguns grupos de colonos a buscar sobrevivência nas savanas e outros, dispersos, nas planícies inundáveis, sobre pequenas colinas; ainda tinham que lutar pela conservação da família, cuja segurança se fazia através dos filhos, pois quanto maior era a família, mais forte era o grupo; quanto maior o número de filhos, mais importante e menos indefeso socialmente era o homem.

O equilíbrio e a organização também faziam parte da vida do povo, pois tinha seus magistrados que criavam normas de conduta e regras em função da sua segurança e do bem estar. Tinha seus tribunais, e a transgressão a qualquer um desses códigos gerava punições que podiam chegar a exílio ou mesmo à morte. Para sobrevivência trabalhavam a terra. Havia povos que, na cultura, no plantio e na extração das ervas daninhas trabalhavam as mulheres, enquanto os homens ficavam no desmatamento, e na colheita trabalhavam todos. Havia outros povos que tinham as mulheres conquistando sua autonomia no comércio.

3.2. A religião Africana

Na religião também se pode ver a riqueza de um povo injustamente visto como inferior. Como a maioria dos povos, eles buscavam na religião a solução dos seus problemas ou suprimento de suas necessidades básicas como: acabar com seus sofrimentos, assegurar-lhes a paz, a prosperidade e a fecundidade nos rituais feiticeiros, filtros, espíritos do além, tudo isso para assegurar-lhes aquilo de que necessitavam.

A religiosidade africana não era documentada através da escrita, mas da tradição oral que passava de geração a geração, até que estudiosos europeus e americanos pesquisaram e documentaram relatos sobre as crenças e histórias. Hoje os próprios nigerianos impedem o desaparecimento ou a alteração de suas tradições, registrando-as.

Quando estudamos a mitologia africana, lembramo-nos de diversas outras religiões, pois há muita semelhança entre elas, como a presença de várias divindades e um deus maior, mas não há, por exemplo, a presença de vingança e o poder supremo, na religião africana, é mais centralizado em Olodum. Os orixás, embora sejam divindades, vivem sob a vontade de um ser superior, e presta-lhe serviços. Não há presença de ambição, ira e revolta entre as divindades e Olodum.

Os iorubás, mais especificamente, criam na existência de um ser superior, Olodum, chamado de Olodumaré, criador e senhor maior. Ele é o criador de tudo o que existe, e as histórias referentes a ele marram a origem do mundo e do ser humano.

Para a etnia Nagô, segundo Monica Bonfiglio, no princípio da existência o mundo era pantanoso e cheio de água, e os orixás vinham à terra, brincavam no pântano e voltavam. Certa vez Olodum enviou o pai das divindades, Oxalá, para criar a vida na terra e depois Oga, o camaleão, para verificar se a terra estava seca e, quando se tornou seca, enviou novamente Oxalá, na África, chamado Obatalá, o pai de todas as divindades, a primeira a ser criada pelo deus supremo; para o plantio dos alimentos, mas sua espada, que era de cristal, quebrou, o que fez com que o Deus

supremo enviase Ogum, divindade da guerra, que forja o ferro, para que com sua espada de ferro concluísse o trabalho de limpeza da terra.

Os orixás são divindades intermediárias entre os homens e o Olodum. Sua comunicação com os homens acontece por meio de complexos rituais. Olodum é possuidor de toda a espécie de bens e passa aos homens por intermédio dos orixás quanto solicitado, pois o seu contato com os homens não é direto, o que faz com que seja necessária a existência dos orixás para a cessão desses bens, portanto é importante que os homens peçam e que os orixás atendam.



3.3. A Estética na África

Antes de falar da estética na África, devemos observar que restou pouquíssimo da arte africana, mais centralizada nas esculturas, pois a maioria dela não sobreviveu aos grandes cataclismos por que passou esse povo. Os geólogos, através de escavações, estão descobrindo construções e algumas esculturas, até então desconhecidas.

Como todos os povos, também o africano mostra, por meio da sua arte, os costumes, a cultura, a fé de um povo em uma determinada delimitação geográfica.

Na corte Cuba, a oratória, a poesia e a conversação eram consideradas artes refinadas. Versos portadores de recados e mensagens faziam a memória que era também considerada arte.

Os iniciados responsáveis pela conservação das almas dos ancestrais guardaram as mais belas esculturas e as mais coloridas máscaras de toda a África.

Na cidade de Ifé, artistas iorubás trabalhavam suas esculturas em argila modelada e cozida ao forno. Sua obra eram máscaras que mostravam as deformidades causadas pelas doenças de que eram vítimas. Já no Congo, na região de Solongo, artistas esculpiam na madeira as mãos que, pelas características: porte do boné real, insígnia do poder; pelos corares de dentes de leopardo e bracelete, indicam o nível social da pessoa, mostrando representar mãos de soberanos.

Os jovens, em Nok, estado de Kaduna atual Nigéria, mostrava o seu poder de sedução na beleza física, nos trajes nos penteados elegantes, na insolência e na virilidade, e todos esses detalhes estão comprovados nas esculturas de barro que mostram detalhadamente o rosto expressivo desses jovens com seus penteados cuidadosamente em coques e coroados com penas, enfeitado com cachos e tranças laterais e, para mais aumentar o poder de sedução, anéis e braceletes nos tornozelos.

Toda a África subsaariana apresentava uma arquitetura simples na forma, porém, na fabricação, usavam a mistura de barro com dedê, que, sendo um material pouco resistente, desapareceu não deixando testemunho de sua existência.

Em Kano, havia sete metros de uma muralha com toda a sua pavimentação em tijolos fabricados com terra cozida cercando-a na borda da floresta.

3.4 A escravidão

A escravidão é uma realidade milenar como na Grécia antiga, em Roma, Egito e até com os hebreus, povo de Deus, como podemos constatar nas histórias bíblicas. Eles não eram necessariamente diferentes na cor, ou nos traços. Eram capturados de guerra, penhor de dívidas, também podiam ser comercializados, trocados, ou dedicar-se a qualquer tipo de trabalho imposto por seus donos. Na África havia também essa realidade, porém, antes dos europeus, eles eram colocados a serviço dos seus senhores na guerra, como soldados. Em nenhuma história antiga de escravidão há registro de excesso de barbaridade contra os escravos. O sofrimento até que poderia existir como a transformação dos escravos em eunuco, o que os deixava impossibilitados de procriar, mas eram pessoas da mesma cor, tinham a mesma cultura, passavam a fazer parte do novo grupo familiar e não traziam estigma. Havia também outra espécie de escravos que era aquela determinada ao sacrificado nos funerais reais o que denotava riqueza, ou às vezes uma forma prática de eliminar os rebeldes.

Uma grande fome assolou toda a Angola no século XVI, catástrofe essa que ocorria de sessenta em sessenta anos. Esse trágico fato culminou na morte de um terço da população, paralisando, assim, o crescimento demográfico dessa geração. O que pode também ter acarretado o agravamento dessa situação foi a entrada, por meio dos europeus, do mortal vírus de varíola, porém não se pode desprezar o grande responsável por essa imensa ceifa de vidas nessa região, a fome. A situação foi tão grave que as pessoas, induzidas pela fome, passaram a vender seus filhos por comida, e homens e mulheres se entregavam como escravos para evitar a morte por inanição.

Quando os portugueses, segundo Consuelo Dores Filho, invadiram a África, destruíram toda uma estrutura social já bem formada: a agricultura muito adiantada, o comércio num sistema tão bem regulamentado que deixou perplexos os europeus; o artesanato, a arte. As crenças religiosas foram a única parte da cultura que sobreviveu, embora os portugueses se preocupassem em tornar o povo africano cristão através do batismo.

O ingresso e o fácil domínio dos portugueses na África aconteceram em consequência do seu enfraquecimento, fruto das contínuas guerras entre os reinos, que culminou no crescimento exagerado do número de escravos. Ao comércio do ouro, pedras preciosas e especiarias, juntou-se o comércio de escravos que supririam a necessidade de mão de obra barata primeiramente na Europa e depois na América. Tornando esse tipo de comércio muito rendoso, abala-se mais a estrutura social da África e dá início as guerras entre as tribos na disputa da captura de homens e mulheres que eram vendidos e transportados em navios negreiros rumo a América. Essas ações bárbaras tinham o total endosso da Igreja sob a capa da conversão ao catolicismo. Esse endosso foi responsável pelo fortalecimento do tráfico desses negros que deixavam suas terras, seu trabalho, sua estrutura familiar para atravessar o oceano em porões imundos, infectos de tal forma que muitos morriam vítimas de doenças infecciosas antes de chegar ao seu destino, América. Aqui chegando eram vendidos como animais e, assim que a compra se efetuava, passavam a viver sob o rude domínio de seus senhores, na maioria coronéis donos de grandes fazendas.

*São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...
Lá nas areias infindas,
Das palmeiras do país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a **caravana**,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...*

(ALVES, Antônio de Castro. **Poetas Românticos Brasileiros**. São Paulo:

Os negros começavam sua vida de sofrimento na África quando capturados como animais; continuavam sua via cruces nos porões imundos, acorrentados e tratados a chicotes.

*Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
(Ibidem)*

Os negros trazidos para o Brasil vinham de diferentes regiões da África e tinham vários dialetos, o que gerou a dificuldade de comunicação entre eles, resultando no desaparecimento de suas identidades, pois, pertencendo a regiões diferentes, não tinham a mesma estrutura política, a mesma língua, a mesma cultura e até a mesma crença. Eles não eram incapazes de se organizar e a própria história nos mostra, como Quilombo dos Palmares e vários outros tipos resistências à escravidão como fugas, assassinatos de seus senhores, que partiam da organização dos escravos que, mesmo enfrentando uma vida de severas opressões, castigos desumanos, encontravam força e coragem para lutar pela sua libertação.

Nas fazendas eles eram submetidos a uma feitoria de alguém que, algumas vezes, era descendente de negros que, alforriado, adquiria certas regalias e passava a feitor, por conseguinte, tinha a função de vigiar e castigar os escravos por algum erro cometido ou às vezes pelo simples prazer de castigar. Havia também os capitães do mato, também muitas vezes descendentes de negros, que tinham a função de caçar e capturar os escravos fugitivos.

Neste cenário surge a miscigenação. Havia escravas bonitas e novas, ou, às vezes, nem tão bonitas, mas que despertavam o interesse sexual de seus senhores "brancos" ou outros homens também "brancos". Elas, que não eram donas de suas vontades, eram obrigadas a servi-los passando, muitas vezes, por estupro. O fruto desses relacionamentos, quando mulheres, também escravas, mas já não tão

negras, tinham o mesmo destino das mães, e seus filhos iam cada vez se tornando mais claros e mais perseguidos sexualmente. Somos nós, os afro-brasileiros na maioria das vezes frutos de desrespeito, desamor, desumanidade, ausência de Deus. O afro-brasileiro até hoje recebe como prêmio de toda crueldade por que passou a discriminação, o racismo, a miséria e muita humilhação que resultam na indução à marginalidade, ao crime.

3.5 A Religião afro-brasileira

É nítida e óbvia a exclusão da religião de um povo também excluído, pois, como veio para o Brasil como uma raça inferior, tudo o que trouxe com ele, recebeu o mesmo tratamento. A própria Igreja Católica abonava essas atitudes. Sendo assim, nem aceito era nos templos católicos, embora fossem batizados. Os africanos nunca abandonaram sua crença, segundo Volney J. Berkenbrock, que não se desenvolveu, pois, além de proibidos os cultos, foi uma religião que sobreviveu através da oralidade, não havia escritos de procedimentos, orações ou leis como as demais religiões.

Mesmo depois da abolição da escravatura, Proclamação da República e com a Constituição que defendia a liberdade religiosa, os afro-brasileiros não adquiriram o direito à manifestação religiosa além das senzalas, mesmo porque suas práticas religiosas não reconhecidas como religião. Depois de muita luta e a adesão de algumas pessoas não negras, mesmo às escondidas por receio à discriminação, passaram a prestar seus cultos em terreiros. Essas suas práticas eram vistas como macumba (coisa ruim), cultos diabólicos. Hoje, com uma maior busca do entendimento por parte dos Movimentos Sociais Cristãos, de uma reflexão da Teologia da Libertação sobre ver a prática do evangelho na pessoa do pobre; vendo a realidade brasileira que é, na sua maioria, formada pelos pobres e estes, afro-brasileiros quase na sua totalidade, cuja vida girou em torno de repressão, miséria, preconceito e exclusão, perceberam a necessidade da visão evangélica da presença de Cristo, pobre, sofredor, que veio ao mundo não para excluir mas para salvar, não para condenar, mas para perdoar. Foi assim que a Teologia da Libertação deu o

primeiro passo para corrigir um erro praticado sobre esse povo, reconhecendo as práticas religiosas afro-brasileiras como religião.

Não podemos dizer que mudou muito, mas foi um passo, pois muita gente que praticava esse culto às escondidas passou a admiti-lo mais abertamente. Porém ainda há muito preconceito, e muita gente que pratica qualquer uma dessas religiões, por vergonha ou até mesmo por preconceito, nega sua prática.



3.5.1 O Candomblé

O Candomblé, nome dado às festas religiosas africanas na Bahia, referindo-se, hoje, lá, aos grupos religiosos de santo segundo Vivaldo da Costa Lima é uma crença cujos rituais são dos terreiros e baseia-se nos orixás, divindades, que, depois de todo um ritual de preparação, incorpora o "*iniciado*". Esse fenômeno está "*associado ao fenômeno de possessão ou transe místico*".

De todos os grupos religiosos africanos que vieram para o Brasil, nenhum superou toda opressão com tanta firmeza como o Candomblé, mesmo perdendo parte de seus rituais ou não se desenvolvendo pelas situações a que eram subjugados, como

parte da sociedade, tornou-se responsável pela integração e identidade dos grupos afro-brasileiros

Os pais e mães de santo são assim chamados porque são realmente como pais e mães, uma família. Seria de certa forma uma estrutura familiar dada aos afos que ali buscavam esse suporte familiar e social, os filhos de santo. Quando nos remetemos à história da África, verificamos a importância que representava os filhos para os pais. Sua prole era a sua segurança diante das tribos, era a sua ascensão social, era o suporte na sua velhice. Podemos com isso verificar uma raiz africana muito forte cuja vida perdura no candomblé, que tem suas divindades também nas raízes africanas

Os bantos criam num espírito criador, Olorum, e em vários outros espíritos que eram de seus ancestrais. Tinham seus feitiços bons e maus, exerciam seus rituais com seus feiticeiros. Suas divindades, os orixás, atendiam suas necessidades através de invocações por meio dos feiticeiros e tinham aparência humana como Ogum ou Xangô, Olodum que era responsável pela procriação e pela riqueza.

No Candomblé o Olorum é o mesmo da religião dos bantos, o ser supremo, o bem maior. Ele é também dispensador de benefícios aos homens. Tudo o que podemos realmente observar é que o Candomblé é extremamente próximo à religião dos iorubas.

4. O PLANO DE AÇÃO

O tema desenvolvido durante a minha pesquisa envolveu a questão da valorização da cultura e estética afro-descendente, com o objetivo de mostrar a beleza da cultura negra em seus diversos aspectos, como chegou até os nossos dias e, através da História da África, apresentar a riqueza cultural do povo que veio para o Brasil como escravo e que se perpetua como componentes da população brasileira.

É necessário trabalhar a cultura negra mostrando o de belo que ela nos transmite e que, em muitos dos casos, ou, por não dizer, na maioria das vezes é vista com desprezo, vergonha, ou até medo de ser mostrada. É o papel do professor trabalhar essas deficiências em suas turmas e, por extensão, na escola em geral, expondo o que existe de belo nos seus diversos aspectos. Não que tenha a pretensão de se acabar com o preconceito, mas, pelo menos, dar o primeiro passo na busca de minimizá-lo, começando pela escola onde trabalha.

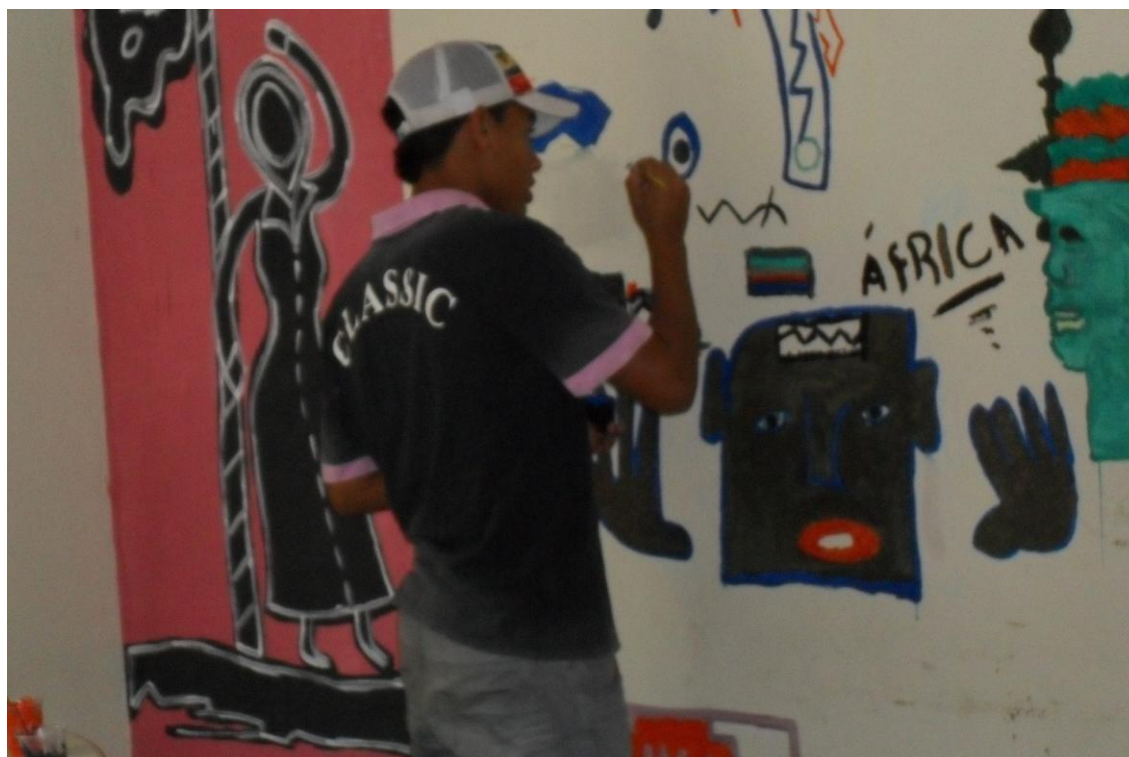
O carro chefe para o desenvolvimento da minha Pesquisa-Ação foi a beleza nos mais diversos aspectos. Isso se deu de uma forma lúdica, por meio das mais diversas expressões artísticas e, também, de uma forma reflexiva, usando a pesquisa, o estudo para expressar o lado transcendental desse povo, que é a sua religiosidade.

Como foi um projeto mais amplo, só consegui desenvolvê-lo com o envolvimento dos diversos setores da escola. Conversei com a direção e com alguns professores sobre a idéia de trabalhar a Semana da Consciência Negra, que foi do dia 21 a 25 de novembro de 2011. As atividades aconteceram em conformidade com o programado:

- Uma palestra feita por pessoas de fora da escola, cujo foco foi a beleza negra.
- Oficinas de fotografia, de maquiagem para as meninas, de corte de cabelo para meninos, tererê e percussão etc..
- Apresentação de dança Afro, pelos alunos da Escola Integrada.
- Apresentação de um grupo de capoeira.
- Apresentação de um grupo de Hip-Hop.

- Gastronomia com comidas típicas.

Pela amplitude da Ação, consegui o envolvimento da Escola. Alguns profissionais participaram com grande empenho e muito gosto, não só da Ação, mas de um trabalho em conjunto com os alunos. Como exemplo a Professora de música, Aline Paixão, estudou algumas canções e, também, manteve contato com um colega seu, de origem africana, para que levasse à escola, na Semana da Consciência Negra, seu grupo de percussão. Além disso, o Professor Carlos Alberto, coordenador da Escola Integrada, colocou à minha disposição dois monitores; um, de nome Marcos, que trabalha com dança e o outro, Césiston Felipe de Oliveira, aluno do 3^o. Período do Curso de Belas Artes da UFMG que trabalhou com a oficina de Grafite. A professora de Português, Junia, e eu, professor de História, desenvolvemos um trabalho específico sobre a beleza da mulher africana. Todo ele foi objeto de uma exposição durante a semana de 21 a 25 de novembro.



Quero destacar o empenho da Profa. De Educação Física, Viviene, que, ao saber a respeito desta minha proposta de desenvolver a ação, me procurou e se mostrou totalmente interessada em trabalharmos juntos, inclusive foi responsável pelos ensaios e a apresentação das danças no ritmo africano. Também, os professores de

História, Geografia, Português e música trabalharam com as turmas A2 e A4, o Kit "A Cor da Cultura", desenvolvendo, cada um em sua área, não atividades específicas, mas um conjunto integrado. Houve a união de todos na busca de um objetivo comum que foi trabalhar as questões afro-descendentes. Os demais professores que não estavam diretamente envolvidos mostraram-se muito receptivos à Ação e nos deram apoio total durante todo o trabalho.

Não podemos nos esquecer da direção da escola, que demonstrou boa vontade em relação ao desenvolvimento da Ação, inclusive com a questão financeira. Ao longo de todo o Plano de Ação, tive como objetivo desenvolver uma ação reflexiva sobre a trajetória dos afro-descendentes que vieram para o Brasil como escravos e que colaboraram em muito para o enriquecimento do país. A reflexão dessa trajetória histórica, o trabalho desenvolvido, a contribuição cultural, o saber, o conhecimento enriqueceram, de diversas maneiras, e têm enriquecido a formação do povo brasileiro. Essa diversidade da nação brasileira em muito se deve ao povo africano.



O objetivo principal da Ação foi levar os alunos a conhecer essa história de luta e sofrimento e refletir sobre os efeitos desse sofrimento na sociedade atual, que ainda vê o negro como inferior, como raça subalterna, e como os próprios negros, na

maioria das vezes, são fruto do preconceito e discriminação, seja ela social ou racial; levar o aluno a tomar uma postura contra tal situação, mostrando-lhe que a miscigenação do povo brasileiro envolve todos, portanto os brancos não são puros; mostrar que o preconceito e a discriminação não têm sentido já que temos uma raiz comum.

Ao longo do desenvolvimento da Ação trabalhamos na busca de enfrentar o preconceito e a discriminação, tentando desenvolver uma consciência crítica nos nossos alunos e esperamos que não fique só aí, que se tornem transmissores dessa ideia e que levem à frente a luta contra o preconceito.

O objetivo foi que tais ações sejam alcançadas não por atitudes recriminatórias, mas pela concepção do real conceito da beleza e da riqueza, até então ignoradas, da história desse povo. A valorização da cultura e da beleza do povo afro-descendente que, em muito, deverá contribuir para a eliminação do preconceito e a discriminação.

A Pesquisa-Ação Colaborativa teve como meta, por um lado, a busca de uma ação concreta onde diversos atores estiveram envolvidos no processo e, por outro lado, a questão da Pesquisa. Sem a pesquisa não seria possível a ação. A importância da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no desenvolvimento do trabalho foi muito grande, pois deu embasamento teórico para o desenvolvimento da ação, e assim pesquisa e ação caminharam juntas, fazendo parte de um processo só. Não é possível falar em ação sem falar em pesquisa, as duas andam juntas e não existe desvinculação entre uma e outra. O Grupo de Trabalho da ANPEd, "Educação das Relações Étnicos Raciais", muito ofereceu no campo da pesquisa. Como tinha falado anteriormente, queria desenvolver uma pesquisa voltada para as religiões de origem afro, especialmente o candomblé, e assim o fiz. Ela esteve voltada para a origem da religiosidade do povo afro. A intenção de trabalhar esse tema foi desmitificar a ideia de que, como muitas vezes tachada, essa crença é coisa do diabo, satânica, etc..

Foi aí que vi a importância da ANPEd, pois ela surgiu como mais uma fonte de subsídio para meu trabalho, o embasamento teórico para a total condição de argumentar com maior propriedade sobre o assunto. Não pretendo uma doutrinação

ou convencimento, mas uma valorização cultural do povo afro. Portanto, o meu Plano de ação esteve centrado em duas colunas que lhe deram sustentação: A ação prática levada diretamente à Escola, e o embasamento teórico que foi desenvolvido em forma de pesquisa acadêmica.

4.1 Justificativa

Foi fundamental inserir na escola debates a respeito das relações étnico-raciais. O assunto foi polêmico e suscitou discussões difíceis. Há a lei 10.639/03, mas esta apenas não foi motivadora desse trabalho sério e importante, quando, para que alcançasse os objetivos almejados, foi necessário que houvesse o apoio de todos os seguimentos da escola.

Embora não existisse no projeto da escola proposição a respeito do trabalho pedagógico com o tema das relações raciais, foi possível verificar que, historicamente, esta discussão esteve presente nas práticas de alguns professores, ainda que, muitas vezes, restrito a alguns momentos do ano letivo. Sendo assim, o objetivo foi que a educação das relações raciais e o combate ao racismo que são produzidos e reproduzidos também na escola se tornem parte da proposta pedagógica dela, assumido pelo maior número de profissionais possível.

Houve a necessidade de se aprofundar na História da África, não só para conhecê-la, mas para que ela pudesse ser levada aos alunos como meio de ampliar o conhecimento e o reconhecimento de uma civilização rica culturalmente.

O plano de ação permitiu, além de aprofundamento teórico, uma oportunidade ímpar para implantar um trabalho junto aos meus alunos com a finalidade de desmitificar os conceitos pré-estabelecidos pela vivência dos educandos em relação à questão da História da África. Mais do que um conteúdo, foi uma chance de desenvolver com os alunos uma maneira de ver e sentir que ele é parte também desta história. De certa forma foi uma proposta de inclusão, cujo resgate é da auto-afirmação dos que estão envolvidos no plano.

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

- Desenvolver um conjunto de trabalhos e processos de reflexão-ação-reflexão com os alunos das turmas A2 e A4 da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves no intuito de educar para as relações étnico-raciais na perspectiva de superação de atitudes discriminatórias que desvalorizam identidades e culturas, principalmente de matriz africana.

5.2 Objetivos Específicos

- Reconhecer o racismo e opor-se a ele;
- Estabelecer o diálogo;
- Valorizar o múltiplo, o plural, a mistura de muitas diferenças;
- Caminhar para além do senso comum
- Identificar nos afro-descendentes a beleza estética e cultural;
- Conhecer e reconhecer aspectos da cultura afro-brasileira e africana.



6. CONCLUSÃO

Se falamos de negros, de brancos e de miscigenação, estamos mostrando a presença de separação entre elas, e esta separação é uma realidade em nosso meio. Pessoas são simplesmente pessoas, independente de pertencerem a uma ou a outra ou, ainda, a mistura das raças. O importante é que, como pessoas, têm as suas necessidades e estas devem ser satisfeitas; têm a sua capacidade de contribuição para a sociedade e delas podemos usufruir e permitir que usufruam da capacidade de produção de qualquer outra pessoa. Justiça, dignidade e liberdade não são doações que se fazem a alguém, mas um dever que se cumpre para com a sua consciência e para com o outro, independente de quem ele seja.

A questão de raças existe, pois estamos sempre sujeitos a fatores externos e internos que facilitam a nossa adaptação a determinado meio, o que não quer dizer que alguém seja superior ou inferior por isso, ou que tem o direito de nos pesar e nos medir por isso; marcas são feitas em bichos, assim, não podemos admitir que pessoas sejam estigmatizadas por motivo algum.

Esses temas foram muito expostos neste trabalho por serem uma realidade nacional e urge que se tome uma posição com relação a isso. O que tem sido feito é muito pouco ou quase nada, quando vimos o crescimento exacerbado da criminalidade no país; quando vimos a fome e a miséria nos lares; quando vimos crianças e adolescentes sem escola; quando vimos o narcotráfico absorver a maior parte dos nossos jovens, quando vimos o auto índice de marginalizados na sociedade e, o pior, quando vimos que o maior número das vítimas dessa situação degradante é feito de afro-descendentes.

Cabe às autoridades olhar mais para as escolas, pois são elas a fonte geradora de cidadãos conscientes; cabe aos professores buscar maior conhecimento e competência para combater esta situação, pois são eles os verdadeiros educadores, a mais potente arma contra esses crimes hediondos quando sabem lutar como um verdadeiro educador.

O ser humano não é objeto, mas sujeito de sua história social e individual, mas, para que isso seja uma verdade, é necessário que ele seja conhecedor de sua origem, de

sua cultura; é necessário que ele se reconheça com valores, com dons. Essas muralhas não são intransponíveis; para galgá-las pode levar muito tempo, mas, com segurança, esperança, coragem, paciência e amor podem-se alcançar o outro lado. O que não se pode admitir é "ficar com a boca escancarada, cheia de dentes esperando a morte chegar".

7. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Antônio de Castro. **Poetas românticos brasileiros**. São Paulo: Amadio .V. 3 (Navio Negreiro) p. 200

ANDRÉ, Marli. **Pesquisa Formação e prática docente**. In ANDRÉ. Marli (org). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. São Paulo: Papiros, 2001. p. 55 – 69

BERKENBROCK, Volney. **A experiência dos Orixás**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 3. ed

BUONFIGLIO, Monica. **Orixás – Anjos da natureza**. São Paulo: Monica Buonfiglio, 2004

FREIRE, Paulo in SATRECK, Danilo R. História da pedagogia. **Revista Educação**. São Paulo: Segmento. V. 4. p. 36

GARCIA, Sílvia. Antropologia, modernidade, identidade. **Revista de Sociologia da USP**. São Paulo. V 5 (1-2)

LIMA, Vivaldo da Costa. **A Família de Santo**. Salvador: Corrupio, 2003. 2. ed.

PAIXÃO, Marcelo, Desigualdades nas Questões Racial e Social. In: BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e Fazeres - modos de ver**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, V. 1, 2006, p 21-35 (A Cor da Cultura)

PRIORI, Mary del e VENÂNCIO Renato Pinto. **Ancestrais**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2004, 4. ed.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, v. 4.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, Qual é o seu nome?**. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

TELLES, Edward. **Da supremacia branca à democracia racial**. Rio de janeiro: Relume-Dumará, 2003.

ANEXOS

Atividade de História e Língua Portuguesa- Professores Leôncio e Júnia

Aluno:

Sala:

Mulher negra

Eu canto tua beleza
A noite da tua pele
A luz estrelar de teus olhos oblíquos
O chocolate de teus lábios grossos

O luar de teu sorriso
Os teus cabelos que não se desalinham
Ao sopro do vento
(...)
Ao teu encanto de mulher.

Carlos de Assumpção



Leia o poema e observe as imagens. Reflita e, em seguida, escreva um texto sobre beleza da mulher negra.

Tema (2 pontos)	Objetivo (2 pontos)	Coerência (2 pontos)	Ortografia (2 pontos)	Visual do texto (2 pontos)

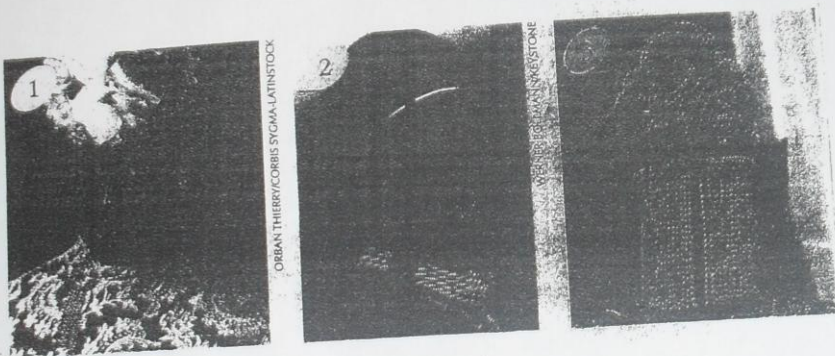
Sala: ...A2...

Nome:

Mulher negra

Eu canto tua beleza
 A noite da tua pele
 A luz estrelar de teus olhos oblíquos
 O chocolate de teus lábios grossos

O luar de teu sorriso
 Os teus cabelos que não se desalinham
 Ao sopro do vento
 (...)
 Ao teu encanto de mulher.
 Carlos de Assumpção



Leia o poema e observe as imagens. Reflita e, em seguida, escreva um texto sobre a beleza da mulher negra.

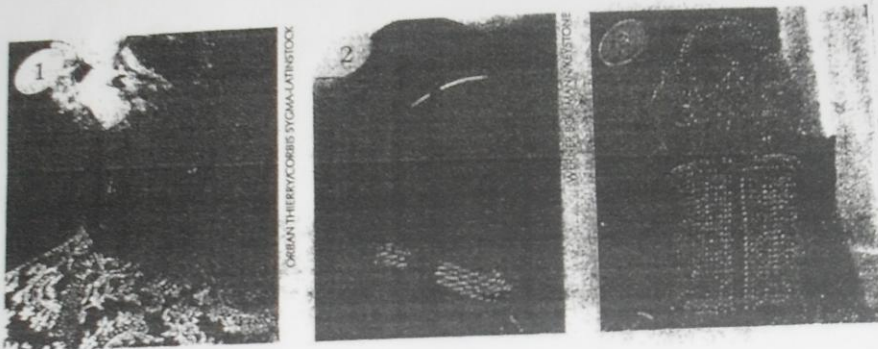
A mulher negra é uma arte que se transforma em beleza, pelas suas vestes e seu modo de embelezar. ~~(Para mim)~~ é ^{é tua} uma mensagem através das suas pinturas e essa mensagem ~~(me)~~ diz que a mulher negra também tem beleza e que não há necessidade de ter preconceito contra elas. Além disso sua beleza é natural.

Tema (2 pontos)	Objetivo (2 pontos)	Coerência (2 pontos)	Ortografia (2 pontos)	Visual do texto (2 pontos)
2	2	1	2	2

Aluno: Sala: ... **A2** ...

Mulher negra
 Eu canto tua beleza
 A noite da tua pele
 A luz estrelar de teus olhos oblíquos
 O chocolate de teus lábios grossos

O luar de teu sorriso
 Os teus cabelos que não se desalinham
 Ao sopro do vento
 (...)
 Ao teu encanto de mulher.
 Carlos de Assumpção



Leia o poema e observe as imagens. Reflita e, em seguida, escreva um texto sobre a beleza da mulher negra.

Tua
 A mulher negra não tem exigência de seu jeito de ser. Elas traz emoção e quanto elas têm orgulho de ser negra. O teu encanto de ser negra, as suas realidades, elas não se iludem para o preconceito e continuam de cabeça em pé pelo equívoco e ser. As negras não bonitas, charmosas e suave. Elas não se demonstram a beleza por fora mas também demonstram por dentro.

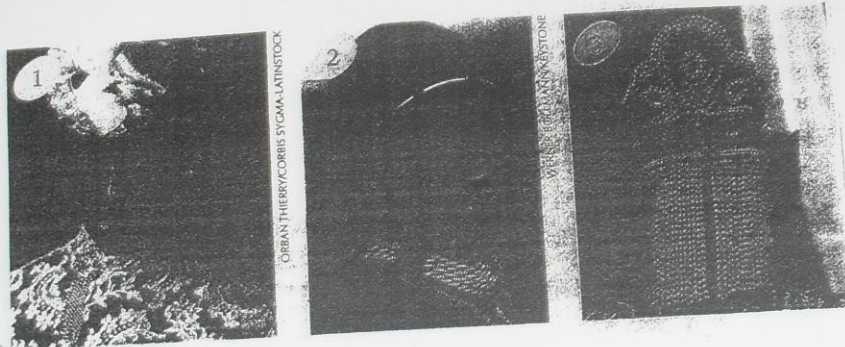
Tema (2 pontos)	Objetivo (2 pontos)	Coerência (2 pontos)	Ortografia (2 pontos)	Visual do texto (2 pontos)
2	2	1	1	2

Escola Municipal Presidente Tancredo Neves – Ano 2011
 Atividade de História e Língua Portuguesa- Professores Leôncio e Júnia

Aluno: Sala: A4.....

Mulher negra
 Eu canto tua beleza
 A noite da tua pele
 A luz estrelar de teus olhos oblíquos
 O chocolate de teus lábios grossos

O luar de teu sorriso
 Os teus cabelos que não se desalinham
 Ao sopro do vento
 (...)
 Ao teu encanto de mulher.
 Carlos de Assumpção



Leia o poema e observe as imagens. Reflita e, em seguida, escreva um texto sobre beleza da mulher negra.

Tam^{da} algumas mulheres negras que são muito bonitas. As mulheres negras elas são muito elegantes a maioria das mulheres negras têm os olhos muito bonitos os cabelos delas são muito bonitos e têm muita mulher usando os estilos dos cabelos das africanas por que fica elegante nela.

Melhor

Tema (2 pontos)	Objetivo (2 pontos)	Coerência (2 pontos)	Ortografia (2 pontos)	Visual do texto (2 pontos)
2	1	1	1	0

5/0

Escola Municipal Presidente Tancredo Neves – Ano 2011
 Atividade de História e Língua Portuguesa- Professores Leôncio e Júnia

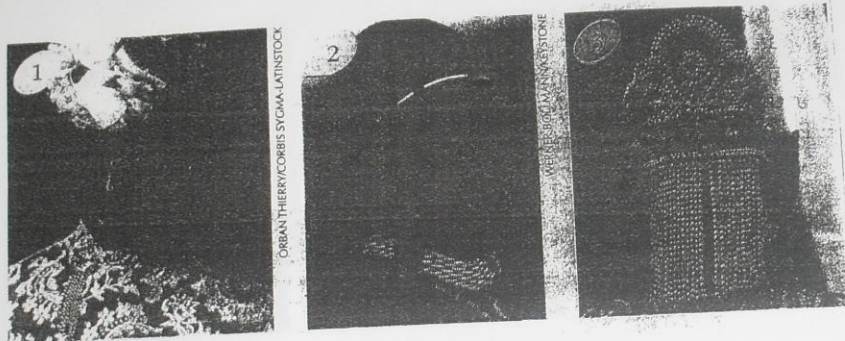
Aluno: Sala: A1.....

Mulher negra

Eu canto tua beleza
 A noite da tua pele
 A luz estrelar de teus olhos oblíquos
 O chocolate de teus lábios grossos

O luar de teu sorriso
 Os teus cabelos que não se desalinham
 Ao sopro do vento
 (...)

Ao teu encanto de mulher.
 Carlos de Assumpção



Leia o poema e observe as imagens. Reflita e, em seguida, escreva um texto sobre a beleza da mulher negra.

A mulher negra

A mulher negra sofre muitas preconceitos, são humilhações, mas nem por isso deixa de mostrar sua beleza.

As coisas que elas usam podem ser estranhas para mim ou para você, para nós, brancos, pois cada um tem seu gosto.

Elas usam colares grandes, pinturas no rosto, pintadas de pontos, não temo preconceito, pois ela pode ter um gosto e eu outro, então respeito, pois tenho certeza que sou diferente das outras pessoas.

Tema (2 pontos)	Objetivo (2 pontos)	Coerência (2 pontos)	Ortografia (2 pontos)	Visual do texto (2 pontos)
9	1	1	1	1

20